

## TRAGÉDIA NA PLATAFORMA

# MINISTÉRIO DO TRABALHO APONTA ERROS EM NAVIO

## FPSO que explodiu operava com vários problemas trabalhistas

✎ **BEATRIZ SEIXAS**  
[bseixas@redgazeta.com.br](mailto:bseixas@redgazeta.com.br)

✎ **MIKAELLA CAMPOS**  
[mikaella.campos@redgazeta.com.br](mailto:mikaella.campos@redgazeta.com.br)

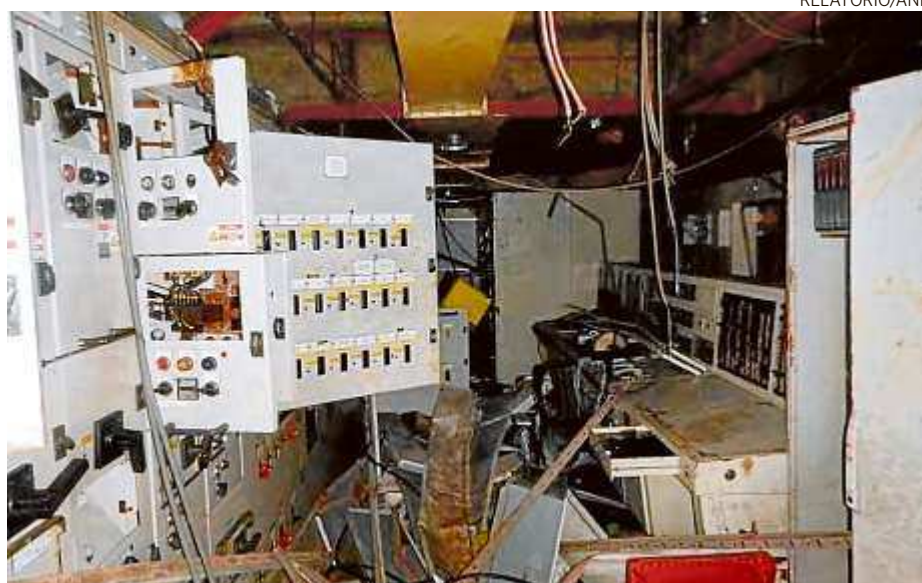
A BW Offshore, dona do navio-plataforma Cidade de São Mateus que explodiu há um ano no litoral de Aracruz, é acusada de cometer, além de erros operacionais, falhas trabalhistas determinantes para o acidente. Após a tragédia, uma investigação do Ministério do Trabalho (MTE) encontrou pelo menos 34 irregularidades na embarcação e na gestão de pessoas que culminaram em autuações e em multas.

O relatório exclusivo, obtido pelo Gazeta Online por meio da Lei de Acesso à Informação, aponta que entre as infrações, cometidas pela companhia norueguesa, terceirizada da Petrobras, estavam questões como a falta de permissão para o trabalho confinado e a ausência de qualificação dos funcionários para atuação em espaços com alto risco de explosão.

Segundo o documento de fiscalização, a empresa não tinha um cadastro atualizado dos locais limitados de ventilação e potencialmente inflamáveis. Essas áreas também não eram corretamente identificadas.



Navio-plataforma Cidade de São Mateus atuava em campos do Litoral Norte



Detalhe de uma das áreas da embarcação atingidas pela explosão

Os empregados da empresa ainda eram submetidos a tarefas sem que tivessem passado por exames médicos adequados. E assim como a Agência Nacional do Petróleo (ANP), a equipe de averiguação portuária do MTE também não encontrou projetos para implementações de ações para impedir ou mesmo controlar vazamentos. A empresa não apresentava ainda planos de emergência.

Durante as apurações, os auditores fiscais descobriram evidências de trabalho degradante – com jornadas acima do permitido pela lei – atrasos nos pagamentos de salários e recolhimento de obrigações trabalhistas, como FGTS, sem considerar gratificações.

“A tragédia pode ter escondido um número muito maior de infrações”, explica o superintendente substituto do Trabalho, Alcimar Candeias. Ele acrescenta que, no ano passado, foram três acidentes no setor de petróleo no Espírito Santo, todos com empresas terceirizadas e na área de manutenção. “Nosso receio é de as empresas reduzirem os investimentos em segurança para compensar as perdas financeiras com a

### ANP vai multar as empresas

✎ Além das autuações na esfera trabalhista, existem dois processos administrativos relativos ao acidente abertos pela ANP. O primeiro foi concluído com a publicação do relatório e o segundo apura as penalidades e o cálculo das multas que deverão ser aplicadas à BW e à Petrobras.

atual situação econômica do país. Todos os acidentes foram por falhas operacionais e porque as empresas não tinham boas práticas na segurança e saúde do trabalhador”, analisa.

O relatório de fiscalização foi encaminhado ao Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro para compor três inquéritos em tramitação contra a BW e a Petrobras, que analisam a falta de estabilidade na plataforma e uma possível terceirização de trabalhadores de forma fraudulenta. Os procedimentos, conduzidos pelo procurador do Trabalho, Rodrigo Carelli, estão em fase final e devem resultar em ações civis públicas.

### ALGUNS DOS PROBLEMAS ENCONTRADOS

▼ Não marcou nem isolou **espaços confinados**, também não tinha o cadastro desses locais atualizado.

▼ Deixou de submeter trabalhadores que atuavam em espaços confinados a **exames médicos específicos**.

▼ Não avaliou o estado de saúde dos trabalhadores que exercem **atividades em altura**.

▼ Não elaborou e não implementou ações para **prevenir e controlar vazamentos**, derramamentos, incêndios e explosões.

▼ Não respeitava a **jornada de trabalho** nem concedia repouso entre as escalas conforme manda a lei.

▼ **Atraso no pagamento** dos salários.

▼ **Não pagamento de**

**FGTS** referente a remunerações extras.

▼ **Falta de permissão** para a entrada do trabalhador para atuar em espaço confinado.

▼ Não antecipar nem **reconhecer os riscos** nos espaços confinados.

▼ Não ter previsto a **implantação de travas** ou bloqueios, além de etiquetagem, no espaço confinado.

▼ Não manter condições atmosféricas aceitáveis na entrada e durante a realização dos trabalhos com **monitoramento** e ventilação do espaço confinado.

▼ Permissão de trabalho em espaço confinado sem que o supervisor de entrada se assegure de que os **serviços de emergência** e salvamento estejam disponíveis.

▼ Não elaborou nem documentou as **análises de risco** das operações na plataforma.

▼ Não emitiu **permissão de trabalho** para os envolvidos no uso de equipamentos que possam gerar chamas em áreas sujeitas a explosão.

▼ Não capacitou os trabalhadores em determinados processos nem fiscalizou

cumprimento de normas.

▼ Não elaborou **plano de emergência** considerando as características complexas da plataforma.

▼ Não previu medidas para **contenção de vazamentos** de hidrocarbonetos líquidos.

▼ Não instalação de **sistemas automáticos** para desligar equipamentos em caso de incêndio e vazamento de gás.



DIVULGAÇÃO/SINDIPETRO-ES

**PÂNICO**

**“NÃO SEI SE ESTOU PREPARADO PARA VOLTAR A UMA PLATAFORMA”**

**Danilo Martins Cruz**  
Operador de utilidades

« Estávamos em quatro pessoas na sala de controle da praça de máquinas, quando houve a explosão. Fui jogado em cima do painel elétrico. Como eu era o mais antigo, ajudei dois colegas a saírem de lá. Estava difícil respirar por causa da fumaça. Eu quis voltar

para buscar o outro, mas não tive autorização. Ele ficou preso entre um computador e o painel elétrico, pediu ajuda três vezes pelo rádio, acabou morrendo depois. Na hora da fuga, passamos por vários amigos mortos. Os sobreviventes estavam nervosos, apavorados. Fomos enviados para a proa na tentativa de abandonar o navio. Depois para perto da baleeira. Neste momento, vi a enfermeira com colete salva-vidas socorrendo as pessoas. Decidi ajudá-la a resgatar os feridos, alguns à beira da morte. Estava tão preo-

cupado em salvar vidas que não percebi que também estava ferido: tive cortes na perna, na cabeça, além de queimaduras. Fiquei quatro dias internado. Ainda tenho lembranças de tudo, dos amigos que se foram, da forma que a empresa age em relação ao acidente. Recebi a notícia no mês passado de que meu tratamento psicológico foi suspenso. Não sei como vou retornar a minha vida normal, já que a empresa está mandando todos embora. Também não sei se estou preparado para voltar a uma plataforma.

**INSEGURANÇA**

**“VIVI UMA CENA DE GUERRA. NÃO SEI O QUE VAI SER DA MINHA VIDA”**

**Trabalhador acidentado**  
Pedi o anonimato

« Estava muito próximo à casa de bombas quando houve a explosão. Fui arremessado e caí ao lado de cinco colegas que morreram na hora. Vivi uma cena de guerra. Inalei muita fumaça e fiquei todo cortado. Um colega se arriscou e me salvou, senão, teria morrido.

Desde o acidente tem sido muito difícil. Qualquer barulho que ouço me assusto. De lá pra cá faço acompanhamento psicológico. Estou tentando superar esse trauma por minha conta, já que a empresa acha que só pagar o salário é o suficiente. Minha preocupação é daqui para frente. Não sei o que vai ser da minha vida. Eu até queria continuar na área, mas acho que não tenho condições. Não tenho segurança de pisar em um navio novamente. É triste ver que isso tudo aconteceu por um despreparo de gestão. Os responsá-

veis sabiam dos riscos e que já havia acontecido outros vazamentos. É como se tivesse um leão com a boca aberta e eles mandaram todo mundo entrar na boca do leão. Além disso, eles não estavam nem aí para a segurança. Todos os materiais que compravam eram de segunda linha. Era tudo maquiagem. O assédio moral era frequente, fora que havia muitos casos de desvio de função. Quando alguém falava que não ia fazer o que era mandado, era ameaçado de demissão, e coagido a fazer o que era pedido.

**ERROS**

**“VI MEUS AMIGOS MORTOS. FOI A COISA MAIS HORRÍVEL DA VIDA”**

**Trabalhador ferido**  
Pedi o anonimato

« Desde o acidente até hoje, a empresa arcou com as condições financeiras. Mas não deu acompanhamento psicológico. Não tive isso. Vi meus amigos mortos. Foi a coisa mais horrível da minha vida. Às vezes até choro quando sinto falta deles. Não sei se terei

condição de voltar a pisar numa plataforma. Só vou saber quando estiver em uma. Tudo isso poderia ter sido evitado. Soubemos que a empresa não quer ter gasto. Tanto é que comprou uma raquete (peça) de má qualidade, e isso era frequente na empresa. Queriam cortar custo e comprar material de segunda linha. O cortar custo fez nove pais de família falecerem. Em alguns setores, como a casa de bombas, estava faltando funcionários. Com isso, o chefe mandava fechar uma válvula e mandava correr para abrir

outra. Pra mim, é preciso colocar normas melhores e ter preocupação maior com funcionários. Acho que toda plataforma deveria ter uma equipe só para resgate. Pessoas que realmente façam só isso. Além disso, existiam mais problemas. Outros incidentes de vazamento aconteceram. A empresa sabia de muitos erros, mas não fez nada para mudá-los. Querendo ou não ela tem culpa. Infelizmente, mesmo depois de um ano, o acidente ainda está muito claro nas mentes e cobranças de quem passou por esse livramento.



**Cobrança por segurança**  
Representantes do Sindi-petro e da Federação Unica dos Trabalhadores (FUP) fizeram ontem, em Vitória, um ato para cobrar mais segurança no setor de óleo e gás e homenagear vítimas do acidente.

“Chegamos a mais de uma morte por mês, é um número absurdo de vítimas para qualquer empresa. Não há um diálogo adequado, e as considerações dos trabalhadores estão sendo minimizadas”

**DEYVID BACELAR** REPRESENTANTE DOS FUNCIONÁRIOS NO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA PETROBRAS

# BW prevê gastos de US\$ 85 milhões com plataforma

**Dona do navio fala ainda do seu compromisso com a segurança e o apoio aos trabalhadores**

« Oitenta e cinco milhões de dólares, o equivalente a R\$ 338 milhões, é quanto a BW Offshore, dona do navio-plataforma Cidade de São Mateus, prevê de custos com os reparos da unidade. O dado foi divulgado pela companhia no último dia 8, durante apresentação do balanço do quarto trimestre.

No comunicado, a norueguesa justifica que o prejuízo é baseado em uma avaliação preliminar, já que a unidade ainda está no campo de Camarupim/Camarupim Norte aguardando

ser rebocada para um estaleiro em Singapura. E acrescenta que deverá receber essa quantia quando for indenizada pela seguradora.

Sobre o acidente e as críticas ligadas à segurança, a BW disse que tem um histórico de compromisso com a segurança, saúde ocupacional, gestão da qualidade e desempenho ambientalmente responsável. Por nota, lamentou a tragédia e reforçou que o acidente foi o primeiro com fatalidades em mais de 34 anos atuando.

A empresa destacou, ainda, que os pagamentos das verbas rescisórias e seguro às famílias das vítimas foram realizados ainda em 2015. E frisou que a assistência mé-

dica foi mantida neste período. Bem como “vem oferecendo suporte psicológico aos funcionários e familiares nos últimos 12 meses”.

A Petrobras, por sua vez, frisou que “a segurança do trabalho e a direção técnica dos serviços é de responsabilidade da operadora, conforme prevê a legislação aplicável”. Acrescentou, ainda, que o relacionamento com os trabalhadores cabe à BW.

**VEJA NA WEB**

[www.gazetaonline.com.br](http://www.gazetaonline.com.br)



**COMPLETO**  
Veja os 34 erros, o protesto do Sindi-petro e o lado das empresas no on-line